

Jacira da
Conceição

badia





o meu interior | cerâmica e engobes | 120x52cm | 2021

Falar do Dia Internacional da Mulher nas comemorações de Abril

O MAEDS dedica, habitualmente, o mês de Março às questões da Mulher. Encerrado ao público por força da pandemia da Covid-19, reabre com uma exposição da artista Jacira da Conceição, em parceria com o MDM (Movimento Democrático de Mulheres).

O Dia 8 de Março, eleito oficialmente pela ONU como *Dia Internacional da Mulher*, mais do que uma data é um desafio para refletirmos e agirmos contra as desigualdades salariais, a desvalorização, a opressão política e a violência doméstica que atingem as mulheres à escala global. Subalternização que faz parte da estratégia do capitalismo multinacional para legitimar a ignóbil extorsão de mais-valias ao trabalho feminino, infantil e imigrante.

A Revolução de Abril veio mudar substancialmente o estatuto social da mulher, desde logo no plano jurídico, através da nova Constituição, criando condições para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais livre.

Na defesa de uma maior participação feminina nos espaços de criação e de intervenção social, saúdo a artista Jacira da Conceição, que junta sabiamente a tradição da olaria de Cabo Verde à sua particular criação artística, o Movimento Democrático de Mulheres e a equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal pela concretização da presente exposição.

Rui Garcia

(Presidente do Conselho Directivo da AMRS)



água | cerâmica e engobes | 88x46cm | 2020 (pormenor)

Do barro e da essência das ilhas: Jacira da Conceição

Na mulher reside a força de toda a nossa ancestralidade. No barro reside nossa essência. Do pó fez-se homem e mulher de igual substância e essência. No interior de Santiago reside o pulsar da resistência e do renascer do povo cabo-verdiano como ser livre e universal. Nas veias, na carne, no suor da Jacira toda a ancestralidade de um povo novo de alma antiga.

Com Jacira da Conceição a olaria tradicional cabo-verdiana ganha contemporaneidade genuína. Jacira bebe das velhas técnicas das mestras da olaria tradicional e redesenha o propósito, a essência, os traços, reinventa a própria técnica para torná-la mais apurada, mais subtil e capaz de ser lida à luz de uma linguagem contemporânea que casa artesanato, design e arte.

Na arte de Jacira, toda a África e todos os ilhéus do atlântico. O seu trabalho sintetiza toda uma longa epopeia no caminho da afirmação da mulher cabo-verdiana.

Pelas mãos de Jacira a olaria cabo-verdiana está a ganhar uma nova leitura contemporânea e através dela esperamos, seja resgatada, toda uma nova geração de artistas e artesãos com os pés bem assentes na terra das ilhas.

Abraão Vicente

(Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde)



sem título | cerâmica e engobes | 64x44cm | 2020

*Das ilhas que nascem
quando as mulheres dão as mãos
Do que não têm fizeram fermento
Amassaram
Fizeram obra sua,
Cuidavam, dançavam e cozinhavam
Foi ao forno
Ilha de massa dura. Não parte
Resistente e segura
Flutua*

Joana Roque Sofio
(MDM - Movimento Democrático de Mulheres)

Badia

Uma nota do Movimento Democrático de Mulheres (MDM)

Somos um Movimento com a força da vida. A vida e todas as mudanças **aqui e mundo fora** nos sugerem unir, ligar, construir uma cultura de igualdade e de respeito pelo Outro. Temos a responsabilidade de criação de lugares onde se valorize o património forjado por mãos humanas e por elas transformado. Esse lugar é o MAEDS.

A ligação e a relação com as mulheres criadoras são matéria de aproximação e enriquecimento de todas as mulheres.

O 8 de março é data simbólica de unidade e transformação. É tempo do passado e do presente para dar voz às criadoras, valorizar o seu historial de participação na vida social, cultural e política. Dar voz e corpo ao trabalho daquelas que não vivem do ar nem da contemplação. Em tempos de pandemia soubemos quanto as artistas, as produtoras de todas as artes e ofícios da cultura, viram o seu trabalho confinado, e com ele, confinados recursos e projetos. A economia vacilou e a política atual menosprezou este enorme conjunto de trabalhadores que animam e acrescentam vida à vida.

Para assinalar o Dia Internacional da Mulher, o MDM desenvolveu várias actividades na rua e algumas tiveram de ser adiadas. Mas não desistimos e com segurança sanitária, não deixámos passar em claro a luta das mulheres pelos seus direitos denunciando muitos retrocessos e abusos trazendo à luz do dia desigualdades e formas de encarar as mulheres que julgávamos obsoletas.

Jacira da Conceição é uma convidada do MDM que transforma a matéria e trabalha com muita plasticidade o barro. É uma mulher badia que em crioulo quer dizer lutadora. A mulher badia é tenaz, audaz, aguerrida e não teme as dificuldades. Em Santiago ela é o símbolo da luta e persistência.

Símbolo de resistência. Foi na comunidade de Trás di Monti, Tarrafal, que aprendeu olaria tradicional. Aprendeu a amassar o barro, a modelar, a fazer todos os trabalhos da tradição da olaria do interior da Ilha de Santiago. Entretanto multiplicou em linguagens contemporâneas o tradicional saber-fazer das mulheres de Trás di Munti. Jacira da Conceição é uma badia, com sua cultura e experiências. Baudelaire ensinou-nos que a arte é um produto da experiência, de um modo de ser e de estar no mundo. Do seu trabalho artístico respiramos o mundo das oleiras dos montes do Tchom bom do Tarrafal e das badias de Santiago, e toda a sua mundividência do Brasil ao Alentejo.

Março e abril abriram o Espaço e o Tempo às Mulheres para a liberdade, para serem independentes e não submissas. Um amplo espaço de solidariedades entre culturas. De inclusão. De respeito pelas origens e identidades.

Esta Exposição é diálogo de cabo-verdianas com a comunidade setubalense e com as mulheres que fazem história numa data que emerge para quebrar silêncios e distanciamentos. Diálogo que não se perde no tempo e que está comprometido com a luta emancipadora das mulheres, que é um percurso historicamente acidentado, mas com renovado sentido num tempo de tanta incerteza.

Março e abril 2021 é como nunca tempo de solidariedade com os povos do mundo e também timbre desta cidade e desta região. Porque a cultura se faz de trocas, de laços e redes potencialmente agregadoras, o MDM em ligação com o MAEDS e a ARMS e com a Jacira da Conceição e suas raízes expressas no Grupo de Batuco Ramedi Terra construímos este projeto que irradia a festa e a cultura do feminino, para que a cultura - essa obra humana - que nos torna mais humanos, seja partilhada por todos e em igualdade.

Regina Marques

(Movimento Democrático de Mulheres)



batuco | cerâmica e engobes | 75x54cm | 2020 (pormenor)

Com a terra de Cabo Verde

Com terra se fazem potes, casas, se moldam sentimentos e ideias, se imita a Natureza na criação da rocha, na criação do novo.

Jacira da Conceição é portadora de uma herança cultural aprendida com as oleiras de Trás di Munti do interior da ilha de Santiago, saber-fazer ao serviço de uma visão feminina da existência, sustentada pela grande deusa-mãe, senhora da terra e da fertilidade. Quando olhamos o conjunto das obras expostas, não podemos deixar de sentir um prazer quase táctil perante a forma perfeita da taça que aguarda a refeição comunitária em seu estar sem tempo definido, a lembrar tempos de festa, os potes voluptuosos da abundância, nus ou vestidos de adornos tingidos de branco, de óxido estanífero, e as figuras femininas que carregam o mundo à cabeça.

A imagem de mulher, transportando à cabeça os bens que o nomadismo permite, e os filhos no dorso por caminhos improváveis está sublimada no trabalho de Jacira da Conceição e é um hino à heróica resiliência da mulher, mas também à sua decisão inabalável de lutar contra a desigualdade de género.

As formas são montadas pela prístina técnica do rolo, o que não seria suposto face à simetria perfeita e grande escala de algumas das peças. Almagrada e brunida, “acepillada” ou não alisada, deixando perceber a textura rugosa do barro, cada peça é única e concebida através de intervenção gestual. No diálogo íntimo das mãos da artista com a argila nasce a obra, depois vem o momento da comunicação com os outros e de multiplicação do sentido original...

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)



liberdade (série quintessências) | cerâmica e engobes
60x30cm | 2020



saudade (série quintessências) | cerâmica e engobes
60x28cm | 2020



amizade (série quintessências) | cerâmica e engobes
58x24cm | 2020



amor (série quintessências) | cerâmica e engobes
53x28cm | 2020



elas | cerâmica e engobes | 26x14cm | 2020





sustento | cerâmica e engobes | 14x42cm | 2020 (pormenor)

Jacira de Jesus Lopes Fernandes da Conceição

Notas biográficas

Jacira da Conceição nasceu há 31 anos na localidade de Chão Bom, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Cresceu numa casa simples, sem água canalizada nem luz eléctrica, mas onde viveu uma infância simples, feliz e cheia de brincadeiras. Sempre sentiu que a falta de água e electricidade é algo que não faz muita falta, porque para ela, na ilha de Santiago o sol brilha todos os dias e de noite nunca faz frio. Vivia na natureza também uma mãe. Os pais não tinham muitas posses, sendo a mãe camponesa e vendedora de peixe e o pai pescador. Passou os anos de menininha brincando na horta onde a mãe trabalhava com a enxada, e na areia da praia onde o bote do pai chegava umas vezes com peixe, outras sem pescaria. Quando havia peixe, a mãe enchia um alguidar e vendia pelas ruas de porta em porta, até chegar a casa em Chão Bom. Com o passar dos anos as brincadeiras deram lugar às tarefas, aprendeu muito cedo a fazer as coisas da casa. Todos trabalhavam na sementeira, no trabalho das *azáguas*, que na Ilha de Santiago é uma grande tradição, começa em junho e termina apenas quando toda a colheita é efectuada. Semeando-se milho, vários tipos de feijão, abóbora, melão e melancia. Toda a ilha se transforma e fica verdejante. A maior alegria do povo é ver a chuva cair e tudo ficar verde para poder semear, mondar e depois colher. Sente saudades desse tempo, do cheiro a terra molhada e de ver as culturas crescerem, que para si, é a maior riqueza da Ilha onde nasceu e cresceu. Na adolescência, estando a viver mais perto do mar, descobriu novos interesses, mantendo sempre a sua ligação à terra e aos seus trabalhos. Aprendeu a nadar muito cedo, talvez porque passava muito tempo na areia, perto das ondas e sempre olhando o azul do mar. Foi na comunidade de

Trás di Munti que aprendeu olaria tradicional, com as mestras Isabel Semedo e a sua filha Mariazinha, com a Saturnina, a Pascoinha e todas as outras oleiras de Trás di Munti. Aprendeu a amassar o barro, a modelar, a fazer todos os trabalhos da tradição da olaria do interior da Ilha de Santiago. Aprendeu a fazer o pote, o binde, o moringo, os pratos e todas as outras formas. Em 2009, viajou pela primeira vez para fora de Cabo Verde. Deslocou-se a Fortaleza, no Ceará, Brasil. Foi como se renascesse, como se o mundo se revelasse. Tinha a ideia de dar a volta à América do Sul em bicicleta, e assim o fez, junto ao seu companheiro. Partiram de Fortaleza e atravessaram todo o litoral nordestino até alcançar o norte, no Estado do Maranhão. A viagem estendeu-se por quatorze meses, atravessando sete países. Conheceu muita gente, aprendeu muita coisa e desenvolveu outras aptidões que já possuía. Viveram durante dois meses numa comunidade Quilombola, de pessoas descendentes de escravos africanos. O Quilombo onde viveram tem o nome de Itamatatua e é lugar de olaria. Aí conheceu outras oleiras. Aprendeu com as mulheres do Quilombo as formas e técnicas específicas da sua olaria. Considera que estes foram dos dias mais lindos que experienciou até hoje e mantém contacto com a comunidade. Atualmente vive em Montemor-o-Novo, Portugal, com a família e acredita que se consegue aprender, também consegue fazer, e, se consegue aprender ambas as coisas, então tem tudo o que precisa para continuar a sua caminhada, ser independente e responsável para poder olhar o futuro de frente, futuro esse que quer que saia das suas mãos e da sua vontade, porque faz sem esperar nada em troca, faz porque gosta e é feliz assim.

Documentário integrante da exposição



Acompanhamos a mestra oleira, Saturnina Tavares “Lili”, durante a cadeia operatória, para a modelagem de um pote de água. Ouvimos as suas histórias, aprendemos os nomes das ferramentas e dos processos técnicos, até à enforna e queima. Depois desenformamos as peças ainda quentes, e as crianças, ajudam a transportar e guardar dentro da casa.

Um filme de Pedro da Conceição, 2007, 15'm 50's, Tarrafal de Santiago, Cabo Verde

“*Jacira da Conceição nasceu há 31 anos na localidade de Chão Bom, Ilha de Santiago, Cabo Verde.[...] Aprendeu a amassar o barro, a modelar, a fazer todos os trabalhos da tradição da olaria do interior da Ilha de Santiago. [...] Em 2009, viajou pela primeira vez para fora de Cabo Verde. Deslocou-se a Fortaleza, no Ceará, Brasil. Foi como se renascesse, como se o mundo se revelasse. Tinha a ideia de dar a volta à América do Sul em bicicleta, e assim o fez [...]. Aprendeu com as mulheres do Quilombo as formas e técnicas específicas da sua olaria. Considera que estes foram dos dias mais lindos que experienciou até hoje [...]. Atualmente vive em Montemor-o-Novo, Portugal, com a família e acredita que se consegue aprender, também consegue fazer, e, se consegue ambas as coisas, então tem tudo o que precisa para continuar a sua caminhada [...].”*

Ficha técnica

Organização: MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal e MDM - Movimento Democrático de Mulheres.

Artista: Jacira da Conceição.

Curadoria: Joaquina Soares.

Textos: Abraão Vicente, Joana Roque Sofio, Joaquina Soares, Regina Marques e Rui Garcia.

Montagem da exposição: Ana Férias e Júlio Costa.

Design gráfico: Ana Castela.

Tipografia Belgráfica. 250 exemplares.

Série “Publicações de Arte”. ISSN 2182-9292.

De 24 de Abril a 21 de Agosto de 2021.

Peça da capa: *umbigo* | inspirada em recipiente tradicional usado para enterrar umbigo de recém-nascido.

